

Pastore prevê recuperação em 1984

Tadaschi Nakagomi

50



Pastore viajou em companhia de Galvães, ontem, para Nova Iorque

São Paulo — O presidente do Banco Central, prof. Afonso Celso Pastore, previu ontem uma reativação da economia nacional "em algum ponto de 1984" e informou que sua viagem (seguiu ontem à noite) para os Estados Unidos, será para um contato preliminar com os banqueiros que fazem parte do comitê de assessoramento da dívida externa brasileira em Nova Iorque, e outras organizações, como o Banco Mundial, para definir os recursos que o Brasil necessita este ano e "para o próximo também".

Afonso Celso Pastore deu uma entrevista coletiva antes do almoço que manteve com 30 banqueiros no São Paulo Clube, uma entidade privê, fechadíssima, onde normalmente a Federação Brasileira de Associações de Bancos realiza encontros com autoridades e que fica no elegante bairro de Higienópolis. Pastore chegou ao clube às 13 horas acompanhado pelo presidente da Febraban (Federação Brasileira de Associações de Bancos), Roberto Bornhausen. Foi cercado pela imprensa, entrou no clube e depois voltou para dar uma entrevista.

O presidente do Banco Central não quis precisar recursos que o país necessita, antes dos contatos com os banqueiros estrangeiros e com organismos internacionais de financiamentos.

— Não gostaria de falar em números antes desses contatos. Estou justamente indo para Nova Iorque tratar disso. Depois de ter uma avaliação completa é que poderei ter condições de revelar números. Não tem nada de rolagem de juros da dívida externa também. Não sei de onde tiraram isto. Não há nada a esse respeito. Vamos iniciar os contatos somente agora — salientou Afonso Celso Pastore.

Metas de ajustes

A respeito da carta de intenções entregue pelo Brasil ao Fundo Monetário Internacional, salientou: "É preciso entender que o governo fixou metas. Não são metas inflexíveis, como se comenta por aí. São uma série de objetivos que necessitamos para ajustar a nossa economia. Por exemplo: um dos objetivos é mantermos uma inflação em 1984; de 55%. Isso não quer dizer que vamos atingir precisamente esse índice: poderemos ficar um pouco acima ou um pouco abaixo. São índices factíveis, são metas que podem ser atingidas".

A respeito da afirmação do empresário Antônio Ermírio de Moraes que propôs o Prêmio Nobel de Química aos ministros da área econômica caso atinjas as metas da carta de intenções, Pastore foi seco: "É problema dele".

O presidente do Banco Central, no contato que manteve com os banqueiros internacionais, sentiu uma "reação positiva" em relação ao Brasil, que pode influir nas negociações sobre novos empréstimos para o país.

— Não há, hoje, dificuldade insuperável. O que estamos negociando são recursos para este ano e o próximo, salientou. Pastore não quis confirmar se a meta é terminarmos este ano com uma reserva cambial de 1 bilhão de dólares: "Estamos trabalhando para assegurar uma reserva cambial. Tudo também depende das negociações e dos recursos que conseguirmos".

Também não quis falar sobre "alguma alteração" na área financeira interna, antes de ouvir todos os setores envolvidos: "Vou estreitar os meus contatos com as áreas de bancos comerciais, de investimento e de mercado aberto, para saber o que há. Só depois de uma avaliação, que espero fazer rapidamente, é que poderei falar sobre eventuais alterações".

— Esse diagnóstico será feito o mais rápido possível, reiterou o prof. Pastore.

Ele admite que assim que estiverem acertados os novos empréstimos no exterior, juntamente com novos desembolsos do FMI, poderá ser revista a atual sistemática de câmbio unificado do Banco Central.

— Sei que isso está causando transtornos e até redução da produção nas indústrias. Assim que tivermos acertados os novos recursos, a situação estará resolvida com as importações fluindo normalmente — disse Afonso Celso Pastore, acrescentando que os atrasos nos pagamentos pelo Brasil, até agosto, totalizavam 2 bilhões 534 milhões de dólares e "isso será resgatado de imediato com os novos recursos que conseguiremos".

Ao final de sua entrevista Pastore voltou a insistir que a carta de intenções entregue ao FMI não trará mais recessão à economia, "mas os ajustes necessários".